



## ↘ Casais pela Internet

*Hebe Tizio*

Psicanalista

Profa. Dra. da Universidade de Barcelona/Espanha

Membro da Escuela de Psicoanalysis de Espanha

Membro da Associação Mundial de Psicanálise

[hebe@tizio.e.telefonica.net](mailto:hebe@tizio.e.telefonica.net)

### **Resumo:**

Nossa atualidade está marcada pelo fenômeno Internet que introduz a possibilidade de anonimato, de deslocalização espacial e de simultaneidade temporal. Há também outro ponto que a Internet oferece: a função de tela. O que é a tela? A tela é o véu moderno que a tecnologia engendra, é uma criação significativa e é o suporte da imagem. A tela é para o sujeito um recurso para suportar o mal estar. A imagem, diferentemente da palavra ou da letra, assenta seu poder de dar consistência no fato de ser refratária ao corte.

*Palavras-chave:* atualidade, Internet, imagem, relações amorosas

## **COUPLES THROUGH THE INTERNET**

### **Abstract:**

Our modern days are marked by the Internet event which brings the possibility of anonymity, space dislocation and time simultaneity. There is also something else offered by the Internet: the screen function. What is the screen? It is a modern veil that technology provides, it is a significant creation and it is the support for the image. The screen is for the subject a resource to stand embarrassment. The image, differently from the word or the letter, establishes its power of giving consistence to the fact of being resistant to the cut.

*Keywords:* modern days, Internet, image, love relations

O discurso de época é o produtor dos sentidos necessários para lidar com o vínculo social. Uma das formas de vínculo social é o casal e, em cada momento histórico, em cada cultura, há elementos orientadores que revestem as relações e as tornam atuais para sua época.

Se os senhores assistiram ao filme *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain* poderão recordar a modalidade *light* de casal e as dificuldades de Amélie para causar o desejo de alguém que está mais preocupado com os restos das imagens fotográficas do que com ela. E como Amélie, totalmente *new age*, as arruma para utilizar o anzol fotográfico a fim de prender seu amado. Isto nos indica que mudam os envoltórios, os modos de fazer com o outro mas, estruturalmente, as coisas se mantêm, quer dizer, o objeto se encontra em jogo e o enodamento do casal é sintomático.

Nossa atualidade está marcada pelo fenômeno Internet, que introduz a possibilidade de anonimato, de deslocalização espacial e de simultaneidade temporal. Há também outro ponto que a Internet oferece, a função de tela. O que é a tela?

Hoje, falamos de cultura da imagem, porém, creio que na realidade deveríamos falar em cultura da tela. Poder-se-ia objetar esta afirmação dizendo que a cultura é uma espécie de tela que vela o sem sentido radical da existência. É verdade, mas, sem ir tão longe, falo de cultura da tela no sentido de que na hipermodernidade a tela se apresenta como tal. Se vocês assistiram ao *Show de Truman* recordarão que, ao final do filme, o personagem choca-se com ela. Ou, o herói de *Matrix*, ao final a atravessa. A tela ocupa hoje o lugar do espelho de outras épocas, Narciso, Alice...

A tela é o véu moderno que a tecnologia engendra, é uma criação significativa e é o suporte da imagem. Qual é o poder da imagem? Através dos avanços tecnológicos a imagem mostra todo seu poder de apresentar-se como objeto sobre a tela, de criar realidade. Por esta capacidade de dar consistência, convoca um gozo que faz do espectador um participante dele e, com os acréscimos interativos, se transforma no Outro ao qual dirigir-se.

A função da tela é permitir que algo se projete adquirindo assim estatuto de imagem, mas a particularidade da tela é que, dando a ver, vela. A tela está definida por um marco que faz as vezes de limite do mundo visível e permite focalizar o olhar nesse retângulo apagando o que está fora dele.

A tela é para o sujeito um recurso para suportar o mal estar. A imagem, diferentemente da palavra ou da letra, assenta seu poder de dar consistência no fato de ser refratária ao corte.

Porém, não temos somente a tela televisiva, ou a do cinema, temos também a tela do telefone celular e a do computador onde se escreve, e que, atualmente, têm revolucionado a forma de ler e de escrever.

Dizemos freqüentemente que os jovens atualmente não lêem mas, em realidade, lêem sobre outro suporte, lêem sobre a tela e não sobre a página do livro. Seria interessante analisar o protagonismo da letra, talvez os senhores conheçam o fenômeno comum de escrever mensagens a alguém com o celular que se encontra próximo, ou no mesmo lugar. Uma mãe me explicava, desesperada, que não entendia como sua filha adolescente escrevia mensagens ao seu namorado que estava sentado a seu lado, ao invés de se falarem ou se tocarem. Estes pequenos objetos que ampliam suas funções são, cada vez mais freqüentemente, os verdadeiros parceiros-sintoma de crianças e adolescentes.

Um adolescente a quem perguntei se costumava ler me disse que não gostava de ler, mas que passava horas escrevendo sua "obra viva" na Internet, uma vez que entrava numa sala de *chat* representando-se com um personagem determinado, e desenvolvia assim seu argumento fantasmático. Deste modo, escrevia todo o dia no computador, ou no celular, uma escritura abreviada que omite as vogais...

Os casais que se formam pela Internet têm grande popularidade neste momento. A tela faz circular um novo tipo de vínculo. Por meio de algumas vinhetas clínicas, que quero apresentar-lhes, vamos ilustrar algumas questões.

Uma jovem vem à consulta acometida por um mal estar do tipo depressivo, angustiada..., estado que começou depois de haver brigado com seu namorado. Peço-lhe que fale dessa relação e ela me diz que estavam juntos há dois anos, que nunca haviam brigado, e que esse vínculo havia se rompido repentinamente.

Quando lhe pergunto o motivo da ruptura, diz que ela quis vê-lo e ele não aceitou. A partir de então esta jovem, que se confessa tímida e sem experiências anteriores, me diz que eram um casal constituído pela Internet e, quando ela tentou marcar um encontro para que se conhecessem, o "namorado" rompeu. Ela se apresentava com o pseudônimo de "supermulher, a *heavy*" e ele, um "homem verdadeiro".

Depois da negativa, aparece, em primeiro plano, a tela que vela e a pergunta sobre quem era realmente o interlocutor. O que queria dela esse outro? Isto a mergulha na angústia frente a um objeto anônimo, e ela se pergunta: como é possível?

Qual é a função da tela na economia psíquica? Temos que recordar que a castração não só confronta o sujeito com algo foracluído, quer dizer, não significantizável que aparece como enigma, senão que também deixa o sujeito com o recurso da tela fantasmática, que vela o modo de gozo que encontra no outro seu parceiro-sintoma. O fantasma é uma tela que dissimula algo determinante da função da repetição. Essa é a matriz sem palavras do sintoma sobre a qual o fantasma tematiza.

Uma analisanda, com serias dificuldades na relação com os homens em função do que chamava de uma excessiva timidez encontrou, via Internet, a possibilidade de estabelecer vários contatos. Surpreendida por esta facilidade, pode localizar o fato de que a ausência do olhar do outro desempenhava um papel nisso. Algum tempo depois, pôde precisar que essa prática evitava que ela se

“delatasse”: entre o que dava a ver e o que podia dizer. Este “delatar-se” permitiu abrir o caminho desde sua experiência com o gozo infantil, e sua atual “frigidez”.

Um homem jovem estabeleceu uma relação de casal pela Internet que se tornou duradoura fora da tela. Essa relação havia começado de maneira forte do lado fantasmático e, em seguida, foi se revestindo com distintas envolturas que aparentemente faziam esquecer esse começo. Mais tarde, viu que a ligação pelo lado do gozo ficava recalçada, mas era a condição da relação parceiro-sintoma.

Em outro caso se tratava de um intenso epistolário que permitia não pôr em jogo o corpo, entre duas pessoas, para as quais isso sempre havia sido um problema e, no caso de minha paciente, era algo não recomendável porque a desestabilizava.

É pelo discurso que podem ser localizadas as distintas formas de vínculo social, uma vez que o discurso implica uma relação regrada ao Outro que não existe. É essa relação que ordena a solidão e o gozo, porque dá um marco para interpretar a realidade, orienta a conversa e dá envoltura formal ao gozo auto-erótico para que possa fazer sintoma na relação com o outro. A idéia de sintoma não é o patológico, o sofrimento, mas a crença, e funciona como suplência da falta de relação sexual, dando uma proporção encarnada no parceiro-sintoma.

As novas tecnologias são uma oferta de peso neste momento mas, o uso que cada um faz das mesmas, é diferente, mudam o suporte, a envoltura, mas a questão sintomática para cada um se nutre do como cada um faz com seu gozo particular.

*Tradução: Márcia Zucchi.*

*Revisão técnica: Tania Coelho dos Santos.*

